

# A JUVENILIZAÇÃO NA EJA: UMA ANÁLISE MATERIALISTA HISTÓRICO-DIALÉTICA DA SUA RELAÇÃO COM O CAMPO DO TRABALHO-EDUCAÇÃO

Yarithissa Felipe Nery<sup>1</sup>

Jéssica Ribeiro de Oliveira<sup>2</sup>

Documento assinado digitalmente  
 JÉSSICA RIBEIRO DE OLIVEIRA  
Data: 26/06/2025 14:40:55-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

## RESUMO

A presente produção visa abordar o processo de juvenilização ocorrido na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), por meio da análise do identitário desses novos sujeitos, a partir de sua relação com o campo do trabalho e dos principais motivos que os levam à defasagem no ensino regular e à migração para a EJA. Tal fenômeno caracteriza-se como uma evidência empírica, o que explicita sua incidência no campo educacional, evidenciando a incapacidade das instituições de atenderem às demandas da população mais jovem, considerando suas realidades socioeconômicas.

A pesquisa é de cunho bibliográfico, com análise fundamentada no materialismo histórico-dialético, baseando-se nos Anais da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). A análise dos resultados revela que a juvenilização na EJA explicita diversas contradições estruturais do sistema educacional brasileiro, destacando, sobretudo, a ineficácia do ensino regular em garantir a permanência e o sucesso escolar de muitos jovens. Tal realidade evidencia os inúmeros percalços nas trajetórias desses sujeitos, uma vez que a maioria dos jovens que recorrem à EJA são oriundos de contextos de vulnerabilidade, nos quais fatores como a necessidade de trabalhar precocemente, a falta de suporte pedagógico e a desmotivação escolar contribuem para a evasão.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; EJA; Juvenilização; Trabalho.

---

<sup>1</sup> Concluinte de Pedagogia - Centro de Educação - UFPE.  
yarithissa.nery@ufpe.br - Turma 2020.1.

<sup>2</sup> Professora substituta vinculada ao Departamento de Ensino e Currículo, do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (UFPE). Mestra em Educação Contemporânea pelo Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea (UFPE/CAA/FACEPE), integrante/pesquisadora do Imaginário - Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura - (UFPE/CNPQ). jessica.ribeiro@ufpe.br.

## INTRODUÇÃO

A presente produção visa abordar o processo de juvenilização ocorrido na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), a contar da análise do identitário desses novos sujeitos a partir da sua relação com o campo do trabalho e os principais motivos que os levam a defasagem do ensino regular e migração para a EJA, o fenômeno se caracteriza como uma evidência empírica, o que explicita a sua incisão no campo educacional, evidenciando a incapacidade das instituições de atenderem as demandas da população mais jovem a partir das suas realidades sócio-econômicas.

A escolha pela temática partiu de uma experiência vivenciada no estágio obrigatório da disciplina de PPP8 - Estágio Supervisionado em Gestão Educacional - onde ao conhecer e frequentar uma escola estadual na Região Metropolitana do Recife pude perceber um alto quantitativo de jovens que estavam matriculados na modalidade da EJA. Esse contato direto despertou meu interesse em compreender melhor os fatores que podem levar os jovens a serem condicionados a migrar para a Educação de Jovens e Adultos. Ao perceber que nunca tive contato com produções e discussões acadêmicas diretamente voltadas para esse fenômeno no campo da EJA, pensei que um trabalho voltado para essa temática teria grande relevância.

Em congruência na redução das idades mínimas para que candidatos possam prestar o exame supletivo, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CEB/CNE) na resolução n. 3/10 (Brasil, 2010), perpetuou também a redução da idade mínima para matrícula na modalidade de Jovens e Adultos; evidentemente tais ocorrências não são as únicas que corroboram para o processo de juvenilização da modalidade, contudo, têm-se exposto enquanto grandes agentes do processo.

A partir disso percebe-se que programas cujo a estruturação que primariamente voltavam-se para democratização do ensino direcionada a adultos trabalhadores, vêm sofrendo com a perda de sua identidade e incisão, passando a se incumbir de funções de aceleração de estudos para jovens anteriormente excluídos e vivenciando a defasagem idade-série, acarretando em uma indeliberção quanto ao público-alvo e dos dispêndios das especificidades pedagógicas (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

No “Cenário da Exclusão Escolar no Brasil” (UNICEF, 2021) se explicita que em números absolutos os jovens entre 15 a 17 anos correspondem ao maior quantitativo de pessoas em situação de exclusão escolar, que partindo da análise por núcleo familiar, sua maioria, 395.934 (62,9% delas), têm acesso a apenas  $\frac{1}{4}$  de salário mínimo *per capita*, o que desponta a grande possibilidade de que os direitos básicos, acesso a condições de dignidade e qualidade de vida estejam comprometidos; ao analisar os motivos pelos quais não frequentam à escola, e

sugere-se, o desinteresse em estudar, trabalho ou procura por trabalho e gravidez, a categoria que configura o desinteresse em estudar não se explicita enquanto um dado de fácil análise, sendo passível da representação de situações vivenciadas nas instituições que possivelmente influenciam no anseio pela desistência, como aponta Andrade (2004, p.50) são jovens que

[...] precisaram abandonar a escola; vivem em periferias, favelas, vilas e bairros pobres, principalmente nas grandes cidades; são majoritariamente negros; circulam no espaço escolar um “incansável” número de vezes, com entradas, saídas e retornos, após o período estabelecido como o próprio para a vida escolar [...] (Andrade, 2004, p. 50).

A juventude é uma construção tanto histórica como sócio-cultural, sendo considerada por Groppo (2000) como uma concepção, imagem ou produção simbólica elaborada por grupos sociais ou pelos próprios jovens, destinada a representar um conjunto de comportamentos e posturas que lhes são associados, como bem aponta Margulis e Urresti (1996) em um tracejado de uma abordagem da juventude que não se leva em consideração o panorama das desigualdades sociais, a classificação e premeditação de grupos etários e suas funções para com a sociedade são falhas, em tempo que, jovens de setores médios e altos carregam consigo a possibilidade de estudar e até delongar o seu ingresso na vida adulta, participando de uma esfera social que permite a emissão do signo social momentaneamente denominado juventude, conquanto, os jovens de setores populares não têm o mesmo acesso a essa moratória social, sendo condicionados a ingressarem precocemente no mundo do trabalho, geralmente em funções que exigem menos qualificação e perpetuadas pela precariedade, adquirindo obrigações do ciclo familiar e sendo reféns do uso da sua força de trabalho enquanto forma de sobrevivência.

Percebe-se então a juvenilização da EJA como evidência empírica de que o ingresso de jovens na modalidade já se constitui enquanto fenômeno estatisticamente significativo nas diversas classes da Educação de Jovens e Adultos (CARRANO, 2007) e que a partir de tais constatações revela-se a importância de produções intelectuais voltadas para a temática, podendo assim, compreender os constructos que envolvem o processo de juvenilização da modalidade; a partir deste ponto traça-se o objetivo geral desta produção que é compreender quais as possíveis incisões no campo trabalho-educação que corroboram para que jovens interrompam os estudos no ensino regular e busquem a modalidade EJA e conforme a explanação da produção desvelar-se também aos objetivos específicos, sendo os de, analisar os principais fatores que corroboram para o aumento exponencial de jovens na modalidade, compreender o identitário dos novos integrantes da EJA e entender a relação do campo do trabalho com a educação.

Dessa maneira, a fim de alcançar os objetivos supracitados, houve um levantamento de obras que atendessem as temáticas relacionadas a juvenilização na EJA, disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e no Attena – Repositório Digital da UFPE, ambas as plataformas demonstram-se fundamentais para proporcionar um acesso amplo e diversificado a estudos; a integração dos dados nacionais, oferecida pela CAPES, com o repertório regional e especializado do Attena, enriquece o debate e fortalece o embasamento da investigação, a fim de descobrir se a temática já vem sendo trabalhada e discutida de forma mais ampla.

A partir da busca por “trabalho e juvenilização na EJA” no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES encontram-se duas produções, sendo uma dissertação de mestrado profissional e uma dissertação de mestrado acadêmico; a produção referente ao mestrado profissional intitulada “ A juvenilização dos educandos da educação de jovens e adultos no ensino fundamental II e médio”<sup>3</sup> feita por Josmaria Aparecida de Camargo (2020), trata da juvenilização em um colégio estadual de Curitiba, que passou a ser investigada a partir da grande migração de alunos que antes estavam no ensino regular e foram para a EJA no turno noturno; a produção referente ao mestrado acadêmico intitulada “ Juventude, Educação e Trabalho: Juvenilização no CEEBJA de Chopinzinho - PR”<sup>4</sup> feita por Ana Cláudia de Camargo (2022), trata das possíveis causas que levam jovens que trabalham a interromper os estudos no ensino regular e posteriormente ingressar na EJA.

Já no Attena - Repositório Digital da UFPE, ao pesquisar por “Juvenilização”, encontram-se duas produções, sendo uma referente a um Trabalho de conclusão de curso e outra uma Tese de doutorado; a produção referente ao Trabalho de conclusão de curso, intitulada por “ O olhar da Gestão Escolar sobre o Fenômeno da Juvenilização da EJA em uma Escola Estadual de Pernambuco”<sup>5</sup> feita por Greycielle Barreto de Oliveira (2023), trata da percepção do gestor escolar perante o fenômeno de juvenilização em uma escola pública estadual de Pernambuco; a produção referente à Tese de doutorado, intitulada por “ Prevenção do HIV/AIDS no Delta do Parnaíba: diálogos sobre estratégias de governamentalidade, biopolítica e juvenilização”<sup>6</sup> feita por Michael Ferreira Machado (2017), possui um enfoque diferente dos demais, onde busca analisar as estratégias governamentais presentes na política de prevenção à juvenilização da Aids no Delta do Parnaíba.

Analisando as produções envoltas a temática, pode-se observar que o fenômeno da

---

<sup>3</sup> Do programa “Educação: Teoria e Prática de Ensino (40001016080P7)” da Universidade Federal do Paraná.

<sup>4</sup> Do programa “Educação (40015017020P1)” da Universidade Federal do Paraná.

<sup>5</sup> Da Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>6</sup> Do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco.

juvenilização vem sendo pouco abordado em produções acadêmicas, o que expõe a importância da presente pesquisa, onde a partir da investigação da juvenilização na modalidade de jovens e adultos, se possa traçar um panorama mais claro quanto às mudanças nesse campo.

## **O ABANDONO DO ENSINO REGULAR E O INGRESSO NA EJA**

O Censo Escolar (2023) aponta que 24,7% das matrículas na EJA em 2023, que representam um quantitativo de 641.674, são de jovens com 20 anos ou menos, outro ponto que merece atenção é relativo ao quantitativo de jovens com 14 anos ou menos, sendo de 8.314, a maioria deles da Região Nordeste; alguns dos motivos pelos quais podemos passar a considerar esse aumento no ingresso de jovens na modalidade, perpassam-se pela necessidade de trabalhar e pela distorção idade-série. O crescimento da produção-acumulação capitalista, os baixíssimos níveis de renda detidos por esse público e os anseios pela sobrevivência, despontam o desespero para “aceleração” do que seria a possibilidade de conseguir um “emprego melhor” ou até para a conciliação do estudo com o mercado de trabalho.

O abandono a escola é engendrado por diversas dimensões, essas que se interagem e conflituam-se no interior do problema, sendo algo compreendido através de vieses políticos, socioeconômicos, culturais, históricos, dentre outros que, co-participam para a coerção na tomada da decisão, o que evidencia que quando as oportunidades que objetivam a inserção e integração nas escolas são sobretudo desiguais prejudica-se diretamente o campo simbólico da autonomia desses sujeitos, “o fracasso escolar e a consequente evasão denotam o próprio fracasso das relações sociais que se expressam na realidade desumana que se vivencia no cotidiano no qual a distância formada pela teoria e a prática desafia a inteligência do indivíduo” (FERREIRA, 2013).

Partindo desse cenário repleto de dificuldades e impossibilidades, percebe-se que no caso de outros setores sociais

[...] cursar o ensino médio é algo tão natural quanto comer, tomar banho etc. E, muitas vezes, sua motivação está bastante associada à possibilidade de recompensa (seja por parte dos pais ou pelo ingresso na universidade). A questão está naquele grupo social para o qual o ensino médio não faz parte nem de seu capital cultural nem de sua experiência familiar [...] (Krawczyk, 2009, p. 9)

Tais constatações desvelam-se como um retrato claro da desigualdade aqui erguida basilamente pela exploração da maior parcela da população, fato presente desde a colonização do Brasil, onde até os dias atuais nos foi imposto o fardo de sustentar os privilégios detidos apenas por

uma minoria.

Nos últimos anos, as políticas públicas e formações docentes voltadas para a baixa do abandono e evasão escolar no ensino básico público brasileiro tem sido recorrentes, de fato há aparatos de proteção que são desenvolvidos visando esse aspecto, percebe-se que na centralidade temática dos discursos desses atores estão as barreiras sócio-econômicas enquanto precursoras da desistência e abandono escolares desses alunos, contudo, não podemos apontar apenas esse fatores enquanto determinantes; bell hooks em 2017 nos revela uma abordagem que expõe quais corpos são considerados indesejados na escola

[...] o racismo, o sexismo e o elitismo de classe moldam a estrutura das salas de aula, predeterminando uma realidade vivida de confronto entre os de dentro e os de fora que muitas vezes já está instalada antes mesmo de qualquer discussão começar. Os grupos marginalizados raramente precisam introduzir essa oposição binária na sala de aula, pois em geral ela já está em operação (Hooks, 2017, p. 113).

Revela-se então que as causas para o mantimento destas inferências se expõem enquanto multiarticulares, percebe-se que o fator sócio-econômico é preponderante e influenciador no quesito do abandono escolar mas a garantia da sobrevivência não se advoga enquanto único fator determinante nesse aspecto, o dia a dia na escola pode suscitar outras problemáticas, as tantas violências simbólicas perpetradas no interior das salas de aula acabam por tornar o ambiente escolar impassível do mantimento da dignidade desses sujeitos.

Para esses sujeitos a mudança para a EJA pode representar um gama de novas oportunidades, seja por um horário mais adequado para os que trabalham durante o dia, por uma carga horária menos sobrecarregada e até ampliação de suas perspectivas quanto à melhores condições de trabalho por meio da conclusão dos estudos.

## **O NOVO IDENTITÁRIO DOS SUJEITOS DA EJA**

Com um público que se caracterizava essencialmente por trabalhadores rurais e urbanos que não tiveram acesso à educação na infância, a EJA hoje atende a um público bem mais diverso, incluindo jovens que abandonaram a escola formal precocemente e idosos que buscam realizar o sonho de alfabetização.

Uma grande maioria dos alunos que estuda no ensino noturno (participante da educação básica) é composta por trabalhadores e tem esta segunda condição como prioridade, uma vez que o contexto social que lhe é típico reafirma sua iminente necessidade de se manter na busca instantânea pela remuneração que, mesmo de forma precária, lhe permite construir minimamente seu espaço de existência (Abdala, 2004).

O que aqui será ponto de alvitre trata-se do perfil do aluno-trabalhador, que em o Manuscritos Econômicos-Filosóficos Marx aponta como

O aluno-trabalhador tem como perfil fazer parte do sistema produtivo ou estar temporariamente fora dele, produz bens materiais que eles mesmos por muitas vezes não podem consumir. Esse sistema assume caráter contraditório, pois a condição de seu desenvolvimento alicerça-se em desigualdade e injustiça, [...] A apropriação do objeto manifesta-se a tal ponto como alienação que quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos ele pode possuir e mais se submete ao domínio do seu produto, o capital (Marx, 2005. p.112).

Esse aluno representa em muitas regiões do país grande parte da sua totalidade, como explicita o levantamento realizado pela Subsecretaria de Estatísticas e Estudos do Trabalho (2023) “ 13% dos jovens de 18 a 24 anos trabalham e estudam no Brasil”, a partir do momento que levamos em consideração os jovens que são submetidos a trabalhos informais e até os que possuem a faixa etária menor que a levantada na pesquisa esses números tendem a aumentar exponencialmente, como bem exposto no Pnad Contínua Trabalho de Crianças e Adolescentes (2022) cerca de 76% dos adolescentes de 16 a 17 anos no Brasil inseridos no mercado de trabalho no ano de 2022 estavam na informalidade (Nalin, 2023).

Observa-se então que mormente esses alunos-trabalhadores são levados a trabalhos precarizados, de baixa remuneração e pouco produtivos, quanto a isso PUCCI, OLIVEIRA e SGUISSARDI na obra O Ensino Noturno e os Trabalhadores afirmam

Talvez a característica mais marcante do aluno do ensino noturno [...] seja sua condição de trabalhador desqualificado e superexplorado ao peso de um salário vil e de uma insuportável dupla jornada de trabalho: a da fábrica, loja ou escritório e a da escola noturna (Pucci; Oliveira; Sguissardi, 1995, p. 31).

Aqui pretende-se analisar esses sujeitos a partir dos marcadores sociais de raça e classe, buscando trazer levantamentos que exponham como esses marcadores se perpetuam perante os corpos desses sujeitos excluídos socialmente, partindo de uma abordagem interseccional desses marcadores, a fim de ter um maior entendimento sobre quem são os sujeitos que atualmente vem adentrando-se na EJA. Sobre a abordagem interseccional em uma boa síntese da Sirma Bilge compreende-se que

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (Bilge, 2009, p. 70).

De acordo com o Censo Escolar (2023) “ [...] a educação de jovens e adultos (EJA)

recebe alunos provenientes do ensino regular. De 2020 para 2021, aproximadamente 107,4 mil alunos dos anos finais do ensino fundamental e 90 mil do ensino médio migraram para a EJA.”, quanto à cor/raça, percebe-se que “os alunos identificados como pretos/pardos representam 77,7% da EJA de nível fundamental e 70,7% da EJA de nível médio em relação à matrícula dos alunos com informação de cor/raça declarada.”

Os corpos pretos na EJA representam a sua maioria, e como já supracitado, os sujeitos mormente expostos a exclusão escolar são os que possuem um núcleo familiar que recebe menos de  $\frac{1}{4}$  de um salário mínimo, partindo desse índices percebe-se o imbricamento desses marcadores para com as trajetórias desses alunos; pensar nos corpos que atualmente vêm adentrando a EJA também representa pensar nos caminhos que os levaram até ali, ao passo de que também se é necessário levar em consideração as particularidades envoltas em cada vivência, são essas particularidades que paradoxalmente nos aproximam de uma possível noção de como esses sujeitos se caracterizam

Se o conceito de pobreza, que parece bem mais objetivo e claro do que o de desigualdade, não pode ser restringido à privação de renda, tampouco a questão da desigualdade deve se limitar a um debate sobre desigualdade de renda. Mesmo porque as desigualdades se espriam entre outras inúmeras dimensões da realidade social, tais como raça, gênero, classe e participação, entre outras. Ela impõe-se, inclusive, na segregação do espaço em que os indivíduos se inserem e se movimentam, delimitando o lugar de cada cidadão na face urbana (Scalon, 2011, p. 54).

Se são essas as conjunturas que perpassam as vidas e trajetórias desses alunos pode-se a partir disso compreender o espaço da escola regular como propagador dessas segregações, que como bem expõe JUNQUEIRA (2012), a escola não só concebe mecanismos de exclusão, ela também reflete os já existentes, “enxotando” os sujeitos que são inadequados para aquele sistema, sendo a EJA vista por muitos desses como uma “saída” para os tantos desacertos vividos no ensino regular.

## **AS APROXIMAÇÕES NO CAMPO DO TRABALHO-EDUCAÇÃO**

Nas últimas décadas podem-se observar várias mudanças no que concerne a classe trabalhadora, vivenciando a destrutividade do sistema capitalista que além da intensificação da exploração dos trabalhadores submete os mesmos à precarização e o subemprego

Os indivíduos começam a sobrar diante da forma social atual, pois já não são mais rentáveis, não são mais requisitados a dispenderem sua força de trabalho no interior de um processo produtivo amplo. Muito pelo contrário, são expulsos e jogados no mercado informal e precário, nas margens da cidade [...] (Hilário, 2016, p. 10).

O grau que o modo de produção capitalista com a desumanizante alienação se impregna nas mais diversas esferas da sociedade é agressivo, não se atendo apenas ao modo de produção fabril mas em todos os âmbitos, inclusive, intimamente na educação e também na sua privação.

Aqui pretende-se esmiuçar o trabalho a partir de dois planos, por uma perspectiva do trabalho que educa e por outra do trabalho que aliena e explora o trabalhador

Na filosofia da práxis, o trabalho é concebido como positividade e negatividade ao mesmo tempo. Positividade porque é realizador e criador da vida e negatividade porque em determinadas condições sociais é destruidor da vida. Há uma relação dialética que ocorre na prática social, na historicidade das diferentes sociedades. O trabalho é complexo porque é realizado por sujeitos que são determinados pelas relações sociais de um determinado modo de produção (Zanella, 2010, p. 107).

O trabalho inicialmente contemplado enquanto atividade (unicamente humana) que dá sentido à vida e forma o ser humano, no decorrer da história da humanidade vai abarcando outras linearidades, como com a exploração da força de trabalho em prol do acúmulo do capital, corroborando para o que depois se deriva a divisão social do trabalho. De acordo com CUNHA (1988), o indivíduo forma-se a partir da apropriação dos resultados da história social e se objetiva dentro dessa história, sendo a sua formação realizada através da relação da objetivação<sup>7</sup> e apropriação<sup>8</sup>.

A formação do indivíduo é, portanto, sempre um processo educativo, mesmo quando essa educação se realiza de forma espontânea, isto é, quando não há a relação consciente com o processo educativo que está se efetivando no interior de uma determinada prática social (Duarte, 1998, p.111).

No modo de produção capitalista, o trabalho não toma a forma educativa, já que nesse caso ele causa a alienação através da exploração da força de trabalho, portanto, pode-se afirmar que nessas condições o trabalho jamais poderá ter cunho educativo, para que o trabalho possa ser de fato educativo ele não pode alienar, escravizar e explorar o sujeito, ele precisa ter como objetivo a emancipação humana.

No decorrer da história a educação tem sido modulada para atender os interesses das classes dominantes, criando e reiterando uma separação nítida entre os diferentes grupos e classes sociais, tal processo só tende a favorecer o fortalecimento dos grandes empresários,

---

<sup>7</sup> Quando um homem utiliza meios que propiciam uma potencialização da sua ação sobre o meio (trabalho), nessa produção também acabam por produzir conhecimento sobre eles, sobre as suas propriedades; a princípio esses conhecimentos são partilhados na própria atividade, contudo, ao poucos vão se despreendendo das atividades, mesmo assim, se mantêm materializados nos objetos e na linguagem, quando a atividade física ou mental dos homens se transfere para o produto dessa atividade tem-se a ocorrência do fenômeno da objetivação (MARX, 2004).

<sup>8</sup> É o processo pelo qual o sujeito se apropria desses instrumentos, quando o homem tem o contato com este instrumento modifica-se; na interação com esse instrumento ele acaba por incorporar a atividade física e mental neles presentes, daí ocorre-se o processo de apropriação (MARX, 2004).

proprietários de terras, das grandes indústrias e empresas que constantemente se unem e autoreorganizam para manter sua hegemonia, o que por sua vez acaba destinando às classes menos privilegiadas um tipo de educação que as condiciona a reproduzir e perpetuar uma cultura influenciada pelos interesses capitalistas, restrita em suas possibilidades e nos seus propósitos.

Entender o trabalho como um princípio fundante da educação, principalmente na EJA, só é possível se essa formação for voltada para a emancipação do sujeito, sem que a mesma seja pautada numa formação meramente voltada para o mercado de trabalho

Desta forma, é perceptível a real necessidade de mudanças tanto, nas formas de produzir, quanto no campo político, industrial e educacional. Para que o ser social possa modificar a sua realidade, e seu atual estado de consciência, deve se apoiar na vertente maior que é a educação, uma vez que ela assume uma “importância vital para romper com a internalização predominante nas escolhas políticas circunscritas à “legitimação constitucional democrática” do Estado capitalista que defende seus próprios interesses” (Mészáros, 2006, p.61).

O trabalho e a emancipação do sujeito podem ser postos lado a lado, contanto que a forma de trabalho se oponha a forma consolidada no capitalismo, que não educa e logo não emancipa, para que se rompa como os limites impostos pelo modelo neoliberal

[...] Já a educação libertadora teria como função transformar o trabalhador em um agente político, que pensa, que age, e que usa a palavra como arma para transformar o mundo. Para ele, uma educação para além do capital deve, portanto, andar de mãos dadas com a luta por uma transformação radical do atual modelo econômico e político hegemônico. [...] Limitar, portanto, uma mudança educacional radical "às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação qualitativa. [...] É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente (Mészáros, 2006, p.12).

## **METODOLOGIA**

A presente produção teve como método de análise o materialismo histórico-dialético, partindo de uma perspectiva marxista, tendo como forma basilar a dialética que segundo Paula

[...] enquanto as condições nas quais o marxismo se debruçou permanecerem [ou seja, enquanto existir o capitalismo], o marxismo continuará sendo o instrumento analítico mais adequado, mais poderoso, mais abrangente, mais percuciente para revelar esse mundo [...] O objeto do marxismo é a análise da realidade capitalista. Enquanto a realidade capitalista existir, nas suas formas, nas suas consequências, o marxismo continuará sendo o mais importante instrumento analítico de intervenção (Paula, 1992, p.20).

Tendo em vista que a compreensão das contradições relativas ao campo do trabalho e da educação perpassam-se por um viés histórico, sendo este modificado ao longo de sua historicidade, e conseqüentemente adquirindo diferentes características, o materialismo

histórico-dialético tende a fornecer subsídios teóricos para o entendimento dessas temáticas; ainda sobre o método reitera Gadotti (1998, p. 98) “a dialética em Marx não é apenas um método para se chegar à verdade, é uma concepção do homem, da sociedade e da relação homem-mundo.”

O delineamento da pesquisa foi de cunho bibliográfico, através da pesquisa bibliográfica, que segundo Marconi e Lakatos (1992, p. 43 e 44) “tem como finalidade fazer com que o pesquisador entre em contato direto com materiais escritos sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações”.

A fonte que serviu como base teórica foram os Anais das Reuniões Nacionais da ANPEd, uma entidade sem fins lucrativos que reúne programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, além de professores e estudantes vinculados a esses programas e demais pesquisadores da área; em biênios a ANPEd realiza reuniões científicas nacionais a fim de possibilitar tanto a comunidade acadêmica como à sociedade o acesso ao que vem sendo produzido na área da pesquisa em educação no Brasil, a partir de 2017 os Anais das Reuniões Nacionais da ANPEd passaram a ser hospedados e disponibilizados em um acervo tanto para associados como para os demais usuários, sendo subdivididos em grupos de trabalho. O levantamento da pesquisa contemplou as obras publicadas no período de 2017 a 2023, levando em consideração a primeira homologação em ambiente integrado da ANPEd e a frequência bienal com a qual as mesmas ocorrem.

Partindo da temática focal desta produção a revisão bibliográfica direcionou-se aos Grupos de Trabalho de número “09” (Trabalho e Educação) e “18” (Educação de Pessoas Jovens e Adultas); a primeira filtragem da pesquisa se caracterizou pela compilação de todas as obras feitas por ambos grupos de trabalho nos quatro anais publicados, somando um total de 168 obras, a partir desse primeiro momento foram criados três eixos temáticos, pensados a partir dos trabalhos analisados, para que as obras pudessem melhor se dispor conforme o objetivo da pesquisa.

A segunda filtragem da pesquisa se deu por meio da escolha de palavras-chave com o intuito de direcionar e afunilar as obras conforme os eixos temáticos, as palavras-chave foram: Educação de jovens e adultos; EJA; força de trabalho; jovens; juventude; juventude trabalhadora; trabalho; trabalho e educação. Estas palavras-chave foram escolhidas para direcionar a pesquisa a produções que trouxessem conteúdos e discussões pertinentes à temática.

Após a segunda filtragem as produções totalizaram-se em 30, considerando que dentre as obras haviam posters, resumos expandidos, minicursos e trabalhos ainda em andamento, tipo

de material que não foi analisado, o quantitativo total de produções passíveis da análise foi para 14.

A partir desta revisão bibliográfica objetiva-se compreender os principais fatores e causas que corroboram para a juvenilização da modalidade da EJA levando em consideração o campo trabalho-educação; não tem-se como finalidade conclusões acerca da temática mas corroborar para o debate, que como já supracitado, conta com poucas produções pautadas no assunto.

### **CARACTERIZAÇÃO DO ACERVO REVISADO**

A partir da revisão das publicações alguns aspectos se despontaram enquanto mais relevantes no processo da análise desses conteúdos. Desta maneira as obras foram agrupadas a partir de três eixos temáticos: (1) Campo do trabalho-educação, (2) Especificidades no campo da EJA, (3) A juventude trabalhadora no campo da EJA.

O primeiro eixo temático denominado Campo do trabalho-educação refere-se a produções que possuem o objetivo de abordar as inter-relações entre os processos educativos e a formação humana no contexto das relações de trabalho, podendo também, tratar de investigar concepções histórico-filosóficas que fundamentam o vínculo entre o trabalho e educação.

O segundo eixo temático denominado Especificidades no campo da EJA diz respeito a produções que visam tratar dos desafios, particularidades e potencialidades presentes na modalidade, considerando as demandas e realidades específicas dos estudantes; temáticas como as trajetórias escolares interrompidas, o impacto das desigualdades sociais e econômicas, as políticas públicas voltadas para a EJA, a evasão e as estratégias de permanência são pontos em alvitre nesse eixo.

O terceiro eixo temático denominado A juventude trabalhadora no campo da EJA possui produções que abordam as relações entre o trabalho, a escolarização e a juventude, destacando os desafios enfrentados por jovens que conciliam a jornada de trabalho aos estudos; questões como, a precarização das condições de trabalho, a influência das responsabilidades laborais na permanência escolar e as estratégias utilizadas para conciliar essas esferas são pontos focais nesse eixo.

A tabela 1 demonstra a distribuição das obras do acervo estudado, segundo o título, autor e ano da publicação, distribuídas a partir de cada eixo temático

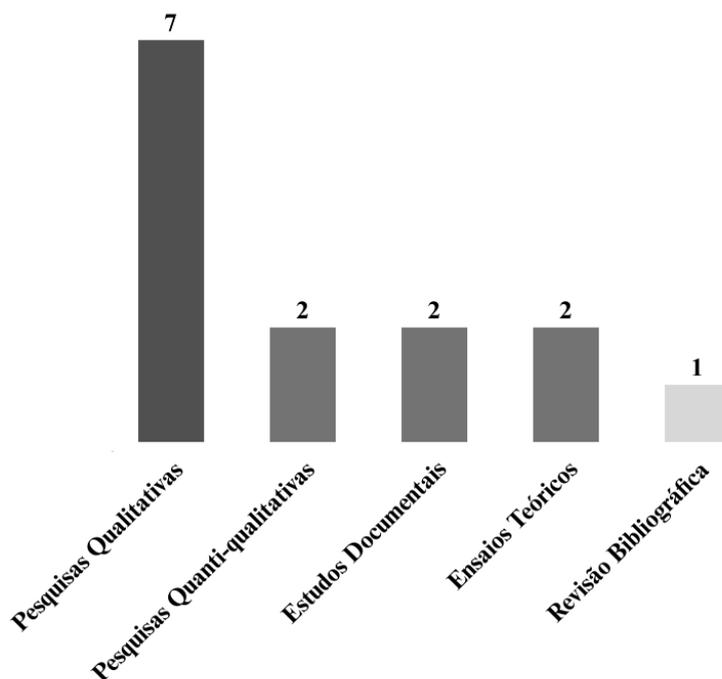
Eixos Temáticos	Título/ Autor / Ano da publicação
<b>Campo do trabalho-educação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Trabalho E Educação Nas Origens Da Filosofia Da Práxis - Evandro de Carvalho Lobão - 2017</li> <li>● Juventude, Estudo E Trabalho: Modos Múltiplos De Vivenciar O Lazer - Ivanês Zappaz, Juliana Ribeiro de Vargas - 2017</li> <li>● Os Sentidos Do Ensino Médio Na Formação Da Juventude Trabalhadora - Ramon de Oliveira - 2017</li> <li>● Educação De Jovens E Adultos Integrada À Educação Profissional: Histórico E Perspectivas - Mariglei Severo Maraschin, Liliana Soares Ferreira - 2017</li> <li>● CADTS - Centro de Apoio e Desenvolvimento Técnico Social: lições de uma escola de trabalhadores - Anderson José Lisboa Baptista - 2019</li> <li>● Trabalho, Ambiente e Educação: onde está localizado o vanguardismo dessa relação? - Alexandre Maia do Bomfim - 2021</li> <li>● Trabalho pedagógico no PROFEPT: educação e trabalho como desafios - Ana Sara Castaman, Liliana Soares Ferreira - 2021</li> </ul>

<p><b>Especificidades no campo da EJA</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● A EJA no ensino médio no município do Rio de Janeiro: perfis, espacialidades e mobilidade - Marcelo André de Souza - 2019</li> <li>● Experiências Escolares de Jovens Ameaçados de Morte em Minas Gerais: desafios para a Educação de Jovens e Adultos - Eduardo Lopes Salatiel, Ana Claudia Ferreira Godinho - 2019</li> <li>● Inserção social e acadêmica dos estudantes do IFPR: um olhar sobre as trajetórias egressas - Joel Júnior Cavalcante - 2021</li> <li>● Pesquisas histórico-críticas na EJA: o que dizem as publicações nos periódicos científicos - Isabela Lemos da Costa Coutinho - 2021</li> <li>● Estratégias de ensino e suas implicações na educação de jovens e adultos em um centro de atenção psicossocial - Ana Maria Silva Sobreira, Nilvania dos Santos Silva - 2021</li> </ul>
<p><b>A juventude trabalhadora no campo da EJA</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Juventude, Trabalho E Escola Em Territórios De Precariedade Social - Luciana Pedrosa Marcassa, Soraya Conde - 2017</li> <li>● Jovens no limbo: um estudo exploratório da EJA diurno no município de Duque de Caxias - Marriete de Sousa Cantalejo - 2021</li> </ul>

**Tabela 1.** Caracterização do acervo estudado nos eixos temáticos, segundo título, autor e ano da publicação.

Na revisão das 14 produções, revelou-se uma predominância da abordagem qualitativa com 7 produções (50%), seguido da abordagem quanti-qualitativa (enfoque misto) com 2 produções (14,29%), estudos documentais com 2 produções (14,29%), ensaios teóricos com 2 produções (14, 29%) e por fim revisão bibliográfica com 1 produção (7,14%).

**Figura 1.** Distribuição das produções segundo abordagem metodológica.



Fonte: autoras da pesquisa.

## CAMPO DO TRABALHO-EDUCAÇÃO

As produções dialogam de forma complexa a relação do campo do trabalho-educação, cada uma oferecendo uma perspectiva que, apesar das abordagens específicas e dos contextos distintos, convergem na compreensão de que educação e trabalho são dimensões interligadas e fundamentais para a transformação social.

Em Lobão (2017) o autor investiga as raízes conceituais presentes na juventude de Marx, focando na dualidade do trabalho – como processo de humanização e, ao mesmo tempo, como atividade alienada – e na centralidade da educação dentro da práxis revolucionária. O autor ressalta como a crítica ao idealismo hegeliano impulsionou a formulação de um materialismo que vê a educação não apenas como transmissão de saberes, mas como um elemento transformador das relações sociais e políticas.

Na produção Zappaz e Vargas (2017) o foco recai sobre as práticas de lazer de jovens que simultaneamente trabalham e estudam, evidenciando como a sobreposição de

responsabilidades limita o acesso a atividades de lazer mais variadas. Ao explorar as narrativas dos participantes, o estudo revela que o lazer, em muitos casos, se restringe a momentos de descanso, refletindo as tensões impostas pela necessidade de conciliar o tempo dedicado ao trabalho e à educação.

Em Oliveira (2017) a investigação mostra como os jovens de escolas públicas, especialmente em Pernambuco, percebem o ensino médio. A escola é simultaneamente vista como um espaço de sobrevivência e de esperança para ascensão social e como um ambiente que, frequentemente, se mostra desconectado da realidade prática dos estudantes. Essa percepção evidencia o desafio de transformar a escola em um ambiente que efetivamente integre a formação acadêmica e a preparação para a inserção no mercado de trabalho.

Em Maraschin e Ferreira (2017) as autoras traçam a trajetória das políticas de integração entre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a Educação Profissional no Brasil, analisando desde a implementação do PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos) até as mudanças trazidas pela Lei 13.415/2017. O estudo destaca a importância dessa articulação para ampliar a escolaridade e promover a formação profissional, embora também aponte para as disputas e desafios políticos que permeiam essa integração; em Baptista (2019) o autor ao abordar o CADTS (Centro de Apoio e Desenvolvimento Técnico Social) em uma escola de trabalhadores do Rio de Janeiro, o autor apresenta um modelo alternativo de educação profissional. Este modelo enfatiza a participação ativa dos alunos, a horizontalidade nas relações pedagógicas e a integração do currículo com a realidade dos trabalhadores. Assim, o estudo propõe uma educação emancipatória, onde o protagonismo e a solidariedade substituem as lógicas competitivas e excludentes;

Em Bonfim (2021) o autor amplia a discussão do eixo trabalho-educação ao incorporá-lo a uma dimensão socioambiental. Fundamentado em referências marxistas, o autor critica o modelo tradicional de desenvolvimento sustentável, ressaltando que as questões ambientais estão intrinsecamente ligadas à exploração capitalista. A proposta é que a educação ambiental crítica, homologada à luta de classes, seja vista como um instrumento indispensável para a transformação da sociedade; em Castaman e Ferreira (2021) as autoras ambientadas na experiência dos professores dentro do PROFEPT (Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica), analisam as tensões existentes entre as exigências normativas e o sentimento pessoal dos educadores sobre o trabalho pedagógico. A pesquisa, por meio da Análise dos Movimentos de Sentidos (AMS), evidencia a necessidade de uma compreensão

mais profunda dos aspectos ontológicos e históricos que permeiam a relação entre educação e trabalho, apontando para desafios que vão além do cumprimento de formalidades institucionais.

Apesar da diversidade de abordagens e metodologias, todas as obras convergem na ideia de que o eixo trabalho-educação é multifacetado e essencial para a compreensão dos processos de transformação social; dentre os pontos de encontro podem-se destacar, a dualidade do trabalho, percebido tanto como fonte de humanização quanto de alienação; a educação como agente transformador, em todas as produções a educação é apontada como elemento indispensável para o desenvolvimento do potencial humano e para a transformação das condições sociais, seja na forma de práticas escolares, políticas públicas ou modelos pedagógicos alternativos; também há uma crítica comum às estruturas formais da educação que, muitas vezes, reproduzem desigualdades e não dialogam com as realidades dos trabalhadores, seja no ensino médio ou na formação de adultos.

## **ESPECIFICIDADES NO CAMPO DA EJA**

As obras explicitam que embora a Educação de Jovens e Adultos apresente desafios e contextos diversos, há uma preocupação central em compreender as especificidades desse campo a partir de múltiplas dimensões seja na relação com o território, nas trajetórias de vulnerabilidade, ou centradas entre formação técnica e idade, na produção de conhecimento teórico ou na necessidade de práticas pedagógicas adaptadas a partir de demandas específicas.

Na produção de Souza (2019) o autor destaca a importância de se analisar a EJA considerando o território como variável analítica, uma pesquisa fundamentada em dados de 2014, mapeia as diferenças espaciais que revelam desigualdades socioeconômicas e intraurbanas, ao investigar os perfis dos alunos – considerando idade, sexo, cor, renda e local de moradia –, o estudo evidencia que o reconhecimento (ou a falta dele) dessas diversidades impacta diretamente a construção do conhecimento e o desenvolvimento socioeconômico dos educandos.

Em Salatiel e Godinho (2019) os autores a partir do enfoque em jovens que vivem sob o risco da violência letal e a vulnerabilidade associada a contextos de negligência estatal, ressaltam o papel transformador da EJA, ao oferecer a esses jovens a possibilidade de retomar os estudos e ressignificar suas experiências escolares, a obra expõe que a modalidade de EJA não apenas facilita a reintegração social, mas também fortalece a identidade e a resistência contra estereótipos negativos, especialmente entre grupos historicamente marginalizados.

Na produção Cavalcante (2021) o autor traça uma análise das trajetórias de egressos do ensino médio integrado do IFPR (Instituto Federal do Paraná), realizada com base em uma abordagem materialista histórica, onde coloca em evidência as trilhas existentes entre a formação técnica e a constituição de cidadãos críticos, a pesquisa aponta que, embora muitos alunos optem pelo ensino superior – ou que amplia o acesso universitário –, há um questionamento sobre o cumprimento do papel dos Institutos Federais na formação de técnicos para o mercado de trabalho, assim, a obra reflete sobre a eficácia das políticas educacionais externas à EJA e o impacto dessas escolhas na inserção social e acadêmica dos estudantes.

Na obra de Coutinho (2021) a autora investiga a produção científica voltada para a EJA, identificando duas linhas principais: uma vinculada ao campo Trabalho-Educação e outra específica na EJA, a autora analisa como os periódicos científicos incorporaram (ou não) os fundamentos do materialismo histórico-dialético para compreender e criticar as políticas educacionais voltadas para jovens e adultos trabalhadores, esta análise evidencia tanto a recorrência do debate sobre políticas públicas (como o PROEJA) quanto a necessidade de aprofundar as bases teóricas que podem contribuir para uma prática educativa mais crítica e transformadora;

Na produção de Sobreira e Silva (2021) as autoras dão ênfase às práticas pedagógicas no contexto de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), onde a EJA é renovada para alunos com transtornos mentais, a pesquisa evidencia os desafios na adaptação das estratégias de ensino a um público que demanda não apenas conteúdos acadêmicos, mas também cuidados relacionados à saúde emocional e à construção de vínculos de confiança, o trabalho sublinha a importância de desenvolver uma proposta educativa que integre a saúde mental e a educação, promovendo a cidadania e apoiando as capacidades dos alunos, mesmo diante de suas fragilidades.

As produções deste eixo temático oferecem uma visão abrangente das especificidades do campo da EJA. Elas evidenciam que a modalidade se constrói na intersecção de fatores territoriais, sociais, culturais e políticos. Enquanto alguns estudos ressaltam a importância de se reconhecer as desigualdades e diversidades presentes nas trajetórias dos alunos – seja através do mapeamento das espacialidades ou do enfrentamento de contextos de violência –, outros apontam para a necessidade de compensar a formação e as estratégias pedagógicas para atender a demandas específicas, como as de estudantes com transtornos mentais ou a formação de cidadãos críticos *versus* técnicos. Essa pluralidade de abordagens reforça que a EJA é um campo complexo, que demanda políticas e práticas pedagógicas integradas, capazes de responder aos

desafios contemporâneos e de promover a transformação social a partir do resgate e valorização dos saberes e das experiências de jovens e adultos.

## **A JUVENTUDE TRABALHADORA NO CAMPO DA EJA**

É o eixo que contém menos produções, ambas obras, ao explorar a relação entre juventude, trabalho e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), revelam facetas distintas – mas interligadas – da realidade dos jovens trabalhadores que buscam retomar ou consolidar suas trajetórias educacionais em contextos marcados por vulnerabilidade.

Na produção de Marcassa e Conde (2017) as autoras abordam a intersecção entre trabalho e escola em territórios de precariedade social a partir de pesquisas em escolas públicas de Florianópolis, o artigo destaca que muitos jovens iniciam atividades laborais precocemente, seja por imposição de condições socioeconômicas ou em alguns casos, por uma escolha que reflete a realidade do contexto em que vivem, essa inserção precoce no mundo do trabalho interfere diretamente na permanência e no desempenho escolar, ocasionando, inclusive, na evasão. assim, a obra enfatiza o dilema enfrentado pelos jovens que tentam conciliar o tempo destinado ao trabalho com os estudos, o que geralmente os podem levar à frustração e ao abandono da escola.

Já na obra de Cantalejo (2021) a autora investiga a EJA diurna no município de Duque de Caxias, oferecendo uma perspectiva sobre o perfil dos jovens que acessam essa modalidade, com base em uma abordagem construtivista e em dados quantitativos e qualitativos, a pesquisa revela que a EJA diurna atende, predominantemente, jovens do sexo masculino, pardos ou pretos, entre 15 e 17 anos – indivíduos frequentemente marginalizados pelo sistema regular, essa modalidade educacional surge, em grande medida, como uma “zona de resgate” para aqueles que, por diversos fatores (incluindo a experiência de trabalho precoce e a evasão escolar), ficaram à margem do ensino convencional, nesse sentido, um diurno da EJA não só busca ajustar o fluxo escolar, mas também se configura como um espaço que, apesar de suas limitações, oferece uma oportunidade para esses jovens reconstruírem suas trajetórias educacionais.

Ambas as obras evidenciam pontos aqui já supracitados, fatores como condições socioeconômicas adversárias – seja pela necessidade de iniciar o trabalho precocemente ou pela marginalização no sistema regular –, o aparecimento da EJA como resposta institucional aos desafios enfrentados por esses jovens, trabalhando como um espaço de reinserção e,

ambientalmente, de transformação, embora muitas vezes restrita a estratégias de “correção” do fluxo escolar; a intersecção entre trabalho e educação revelam um ciclo complexo: o trabalho, necessário para a sobrevivência ou para a manutenção da família, compete com o tempo e a energia que os jovens poderiam dedicar aos estudos, enquanto a própria modalidade de EJA, embora adaptada a essas realidades, precisa lidar com os desafios decorrentes da marginalização e da precariedade social.

Levando em consideração que a delimitação do objeto de análise e sua contextualização - o fenômeno da juvenilização na EJA -, a análise da base material e das relações sociais - as condições materiais que influenciam o fenômeno e as relações de produção ao qual influenciam a evasão escolar e o conseqüente ingresso na EJA - e também a contextualização do campo da EJA e o seu atual identitário, faz-se necessário identificar e compreender as contradições que propiciam o movimento dialético.

A Juvenilização na modalidade da EJA evidencia um fenômeno paradoxal, a modalidade originalmente concebida para atender adultos que não concluíram a educação básica, passa a acolher cada vez mais jovens; essa transformação expõe profundas contradições na estrutura educacional e social do país, especialmente quando analisamos, a partir do materialismo histórico-dialético, aqui buscando desvelar como essas contradições interagem e configuram uma realidade onde as promessas emancipatórias da educação entram em conflito com dinâmicas de exclusão e instrumentalização de uma formação para o mercado de trabalho.

Um embate pertinente nesse campo é o direito à educação *versus* a lógica do mercado, a educação enquanto direito universal e fundamental, que tem o objetivo de promover o pleno desenvolvimento do indivíduo e sua preparação para o exercício da cidadania conflita-se com a lógica do mercado de trabalho que na contemporaneidade, especialmente sob a influência de políticas neoliberais, a educação frequentemente é tratada como um meio de formação para atender as demandas imediatas do mercado de trabalho. Enquanto o ideal constitucional sustenta que a educação deve libertar e formar cidadãos críticos, a lógica de mercado impõe uma educação instrumentalizada, que prepara indivíduos para funções imediatas no mercado de trabalho; o que explicita um campo impassível de acolher e lidar com os estudantes a partir de suas particularidades e necessidades. Essa tensão evidencia a contradição central: a tentativa de conciliar um direito universal com práticas que, em última instância, reproduzem a desigualdade e a exclusão.

Historicamente, negou-se aos pobres o direito à educação, impedindo seu acesso à escola. Hoje, esse direito é negado quando não lhes é oferecida outra alternativa a não ser a de permanecer em um sistema educacional que não garante nem cria condições para o acesso efetivo a uma educação de qualidade, quando se limitam as condições

efetivas de exercício desse direito pela manutenção das condições de exclusão e desigualdade que se transferiram para o interior do próprio sistema escolar. Estas condições bloqueiam, travam e limitam a eficácia democrática do processo de expansão educacional, conduzindo os pobres para o interior de uma instituição que, em um passado próximo, dispunha de um conjunto de barreiras que limitavam suas oportunidades de acesso e permanência (Gentili, 2009, p. 5).

O não-reconhecimento de que os tantos fatores que levam um indivíduo a fazer parte do grande grupo de vítimas do sistema que são levadas a evadir o ensino regular e migrar para EJA enquanto um fator estrutural demonstra o papel da ideologia dominante que naturaliza os déficits presentes no sistema e culpabiliza o “insucesso escolar” seguido da própria desistência ou migração para EJA a fatores individuais. Levando em consideração uma sociedade separada pela divisão do trabalho, esta divisão também explicita-se no campo das ideias, sendo as ideias dominantes apresentadas como universalidade

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual; por isso, são submetidas à classe dominante as ideias daqueles que não possuem os meios de produção espiritual (Marx; Engels, 1984, p.73).

Implicitamente percebe-se o papel da superestrutura<sup>9</sup> enquanto mantenedora e precursora das condicionalidades que propiciam a Juvenilização da modalidade da EJA; não há políticas públicas que visem assistir a esse grupo de jovens que evadem o ensino regular por questões de precariedade social e econômica, as próprias instituições escolares enquanto aparelhos construídos para acompanhar o estudante ao longo de todo o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento torna-se inoperante ao criar e reproduzir as várias exclusões que encabeçam tantas trajetórias evadidas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebe-se que a juvenilização no campo da educação de jovens e adultos se reafirma enquanto evidência empírica, originalmente voltada para adultos que não concluíram a educação básica na idade regular, agora passa pela inserção de jovens, em sua maioria negros, que em contextos de vulnerabilidade socioeconômica buscam alternativas para retomar ou completar sua escolaridade, sendo esse o principal grupo afetado pelo fenômeno.

A juvenilização na EJA explicita as diversas contradições estruturais do sistema

---

<sup>9</sup> A superestrutura trata-se de estratégias dos grupos dominantes para a perpetuação e consolidação do seu domínio, (a estrutura ideológica e a estrutura jurídico-política) explicitando-se nos campos da religião, artes, meios de comunicação, Estado e etc.

educacional brasileiro, revelando, sobretudo, a ineficácia do ensino regular em garantir a permanência e o sucesso escolar de muitos jovens. Isso evidencia os tantos percalços nas trajetórias desses sujeitos, uma vez que a maioria dos jovens que recorrem à EJA são oriundos de contextos de vulnerabilidade, onde fatores como a necessidade de trabalhar precocemente, a falta de suporte pedagógico e a desmotivação escolar levam à evasão. Além disso, a juvenilização escancara a precarização da própria EJA, que, ao invés de ser reconhecida como um espaço de formação de qualidade e valorizado pedagogicamente, acaba funcionando como uma alternativa compensatória para aqueles que foram marginalizados pelo ensino tradicional.

Durante o levantamento bibliográfico e as discussões teóricas realizadas, ficou evidente a escassez de obras que abordem especificamente a juvenilização na Educação de Jovens e Adultos; a entrada crescente de jovens nesse segmento revela contradições e desafios que ainda não receberam a devida atenção acadêmica e consequente atenção governamental. Essa lacuna na literatura é particularmente preocupante, pois impede a compreensão aprofundada das causas, das implicações e das soluções possíveis para um fenômeno que impacta diretamente a vida de jovens em contexto de vulnerabilidade socioeconômica, a qualidade e a eficácia das políticas educacionais no campo da EJA.

A ausência de estudos que se dediquem à análise da juvenilização na EJA não só dificulta a proposição de políticas públicas mais adequadas, mas também evidencia a necessidade urgente de novas pesquisas que contribuam para compensar a função e a organização dessa modalidade educacional.

Diante disso, torna-se imprescindível uma maior atenção à Juvenilização na EJA, reconhecendo-a como um fenômeno que exige respostas concretas e políticas públicas eficazes. A compreensão aprofundada dessa realidade permitirá a construção de estratégias que superem a lógica compensatória e assegurem uma educação de qualidade, alinhada às necessidades e expectativas dos jovens que hoje compõem esse público. Assim, reforça-se a urgência de um debate mais amplo sobre o tema, de modo a transformar a EJA em um espaço verdadeiramente emancipador, capaz de romper com as desigualdades e garantir o direito pleno à educação.

## REFERÊNCIAS

ABDALA, V. **O que pensam os alunos sobre a escola noturna**. São Paulo: Cortez Editora, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época; vol. 110).

ANDRADE, Eliane. **Os jovens da EJA e a EJA dos jovens**. In Oliveira, I. & Paiva, J. (orgs.)

Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro. DP&A Editora, p. 50, 2004.

BAPTISTA, Anderson José Lisboa. **CADTS - Centro de Apoio e Desenvolvimento Técnico Social: lições de uma escola de trabalhadores.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais [...]. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_2\\_7](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_2_7) . Acesso em: jan. 2025.

BILGE, Sirma. (2009), "**Théorisations féministes de l'intersectionnalité**". Diogène, 1 (225): 70-88.

BOMFIM, Alexandre Maia do. **Trabalho, ambiente e educação: onde está localizado o vanguardismo dessa relação?** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais [...]. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_39\\_23](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_39_23) . Acesso em: jan. 2025.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução n. 3, de 15 de junho de 2010.** Institui diretrizes operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 4 jun. 2010.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CAMARGO, Ana Cláudia. **Juventude, Educação e Trabalho: Juvenilização no CEEBJA de Chopinzinho - PR.** Dissertação (Pós-graduação em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Paraná, 2022.

CAMARGO, Josmaria. **A juvenilização dos educandos da educação de jovens e adultos no ensino fundamental II e médio.** Dissertação (Pós-graduação em educação) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2020.

CANTALEJO, Mariete de Sousa. **Jovens no limbo: um estudo exploratório da EJA diurno no município de Duque de Caxias.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais [...]. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_45\\_17](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_45_17) . Acesso em: jan. 2025.

CARRANO, P. C. **Educação de Jovens e Adultos e juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance".** REVEJ@: Revista de Educação de Jovens e Adultos, Belo Horizonte, v. 1, p. 1-11, ago. 2007

**Catálogo de Teses & Dissertações - CAPES.** Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/?idtese=200113832006012003P1#!/>>. Acesso em: jul. 2024.

CASTAMAN, Ana Sara; FERREIRA, Liliana Soares. **Trabalho pedagógico no PROFEPT: educação e trabalho como desafios.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais [...]. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_48\\_23](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_48_23) . Acesso em: jan. 2025.

CAVALCANTE, Joel Júnior. **Inserção social e acadêmica dos estudantes do IFPR: um olhar sobre as trajetórias egressas.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais [...]. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_33\\_18](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_33_18) . Acesso em: jan. 2025.

COUTINHO, Isabela Lemos da Costa. **Pesquisas históricas-críticas na EJA: o que dizem as publicações nos periódicos científicos.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais [...]. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_18\\_24](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_18_24) . Acesso em: jan. 2025.

DUARTE, Newton. **Relações entre ontologia e epistemologia e a reflexão filosófica sobre o trabalho educativo.** Perspectiva. Florianópolis, v.16, n. 29, p. 99 -116, jan./jun. 1998  
FERREIRA, F. A. **Fracasso e evasão escolar.** 2013. Disponível em: <<http://educador.brasile escola.com/orientacao-escolar/fracasso-evasoescolar.htm>>. Acesso em: setembro, 2024.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis.** Prefácio de Paulo Freire - 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 1998.

GENTILI, Pablo. **O direito à educação e as dinâmicas de exclusão na América Latina.** Educ. Soc., Campinas, v. 30, n. 109, p. 1059-1079, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/7CLbgjQSMbW6hX7T9wbQ4mn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: mar. 2025.

GROPPO, L. A. (2000). **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: DIFEL. Disponível em: <[https://www.academia.edu/27559900/GROPPO\\_Lui\\_s\\_A\\_Juventudes](https://www.academia.edu/27559900/GROPPO_Lui_s_A_Juventudes) >. Acesso em: jul. 2024.  
**Grupos de Trabalho e Grupos de Estudo – ANPEd | Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.** Disponível em: <<https://anped.org.br/gt/>>. Acesso em: out. 2024.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. **Escolarização de jovens e adultos.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 14, p. 108-130, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07.pdf>> . Acesso em: jul. 2024.

HILÁRIO, L. C. **Da biopolítica à necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo.** Sapere Aude, v. 7, n. 13, p. 194-210, 21 jun. 2016.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2017.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A Pedagogia do Armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar.** Revista Educação On-line. PUC-Rio nº 10, p. 64-83, 2012.

KRAWCZYK, Nora. **O ensino Médio no Brasil.** São Paulo: Ação Educativa, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/11465/1140/1/1763.pdf>>. Acesso em: setembro, 2024.

LOBÃO, Evandro de Carvalho. **Trabalho e educação nas origens da filosofia da práxis.** In:

REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 38., 2017, São Luís. Anais [...]. São Luís: ANPED, 2017. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT09\\_1218.pdf](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT09_1218.pdf) . Acesso em: jan. 2025.

MACHADO, Michael. **Prevenção do HIV/AIDS no Delta do Parnaíba: diálogos sobre estratégias de governamentalidade, biopolítica e juvenilização.** Dissertação (Pós-graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.

MARASCHIN, Mariglei Severo; FERREIRA, Liliana Soares. **Educação de jovens e adultos integrada à educação profissional: histórico e perspectivas.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 38., 2017, São Luís. Anais [...]. São Luís: ANPED, 2017. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT18\\_426.pdf](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT18_426.pdf) . Acesso em: jan. 2025.

MARCASSA, Luciana Pedrosa; CONDE, Soraya. **Juventude, trabalho e escola em territórios de precariedade social.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 38., 2017, São Luís. Anais [...]. São Luís: ANPED, 2017. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT09\\_302.pdf](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT09_302.pdf) . Acesso em: jan. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992. p. 43-44. MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação: uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra: La juventud es mas que una palabra. In: Mario MARGULIS (edit.) **La juventud es más que una palabra: La juventud es más que una palabra.** 1a Buenos Aires: Biblos, 1996. Disponível em: <[https://www.psi.uba.ar/academica/carrerasdegrado/psicologia/sitios\\_catedras/practicas\\_profesionales/788\\_salud\\_adol/material/juventud\\_mas\\_que\\_palabra.pdf](https://www.psi.uba.ar/academica/carrerasdegrado/psicologia/sitios_catedras/practicas_profesionales/788_salud_adol/material/juventud_mas_que_palabra.pdf)>. Acesso em: jul. 2024.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** – 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1984, p. 73.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos.** Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital.** Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

NALIN, Carolina. **Mais de 70% dos adolescentes que trabalham estão na informalidade, maior nível desde 2016.** 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2023/12/20/mais-de-70percent-dos-adolescentes-que-trabalham-estao-na-informalidade-maior-nivel-desde-2016.ghtml>>. Acesso em: ago. 2024.

OLIVEIRA, Greycielle. **O olhar da Gestão Escolar sobre o Fenômeno da Juvenilização da EJA em uma Escola Estadual de Pernambuco.** Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2023.

OLIVEIRA, Ramon de. **Os sentidos do ensino médio na formação da juventude trabalhadora.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 38., 2017, São Luís. Anais [...]. São Luís: ANPED, 2017. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT09\\_294.pdf](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT09_294.pdf) . Acesso em: jan. 2025.

PAULA, J.A. **A produção do conhecimento em Marx.** Cadernos ABESS-CEDEPSS, n.5, p.17-42, 1992.

PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton Ramos de; SGUISSARDI, Valdemar. **O ensino Noturno e os trabalhadores.** 2. ed. São Carlos: EDUFSCar, 1995.

**RI UFPE: Teses e Dissertações.** Disponível em: <<https://attena.ufpe.br/handle/123456789/50>>. Acesso em: jul. 2024.

SALATIEL, Eduardo Lopes; GODINHO, Ana Cláudia Ferreira. **Experiências escolares de jovens ameaçados de morte em Minas Gerais: desafios para a Educação de Jovens e Adultos.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais [...]. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_22\\_3](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_22_3) . Acesso em: jan. 2025.

SCALON, Celi. **Desigualdade, pobreza e políticas públicas: notas para um debate.** In: Contemporânea, n.1, Jan.-Jun. 2011.

SENA, T. **Apenas 13% dos jovens trabalham e estudam - Fundação Mudes.** 2023. Disponível em: <[https://mudes.org.br/apenas-13-dos-jovens-trabalham-e-estudam/#google\\_vignette](https://mudes.org.br/apenas-13-dos-jovens-trabalham-e-estudam/#google_vignette)>. Acesso em: ago. 2024.

SOBREIRA, Ana Maria Silva; SILVA, Nilvania dos Santos. **Estratégias de ensino e suas implicações na educação de jovens e adultos em um centro de atenção psicossocial.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais [...]. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_6\\_19](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_6_19) . Acesso em: jan. 2025.

SOUZA, Marcelo André de. **A EJA no ensino médio no município do Rio de Janeiro: perfis, espacialidades e mobilidade.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais [...]. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_27\\_6](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_27_6) . Acesso em: jan. 2025.

SUBSECRETARIA DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS DO TRABALHO (2023). **Panorama do mercado de trabalho: relatório anual.** Brasília, DF: Ministério do Trabalho, 2023.

UNICEF. **Cenário da Exclusão Escolar no Brasil.** São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf> >. Acesso em: jul. 2024.

ZANELLA, J. **O Trabalho como princípio educativo - em defesa do ensino concreto.** Quæstio, Sorocaba, SP, v. 12, p. 105, jul. 2010.

ZAPPAZ, Ivanês; VARGAS, Juliana Ribeiro de. **Juventude, estudo e trabalho: modos múltiplos de vivenciar o lazer.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 38., 2017, São Luís. Anais [...]. São Luís: ANPED, 2017. Disponível em:

[https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT09\\_1133.pdf](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT09_1133.pdf) .<sup>27</sup>  
Acesso em: jan. 2025.